

V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 1 – Identidades, diferenças e desigualdades em debate

Paradoxos entre o arcaico e o moderno no bairro Santa Marta em Camaquã/RS



Paradoxos entre o arcaico e o moderno no bairro Santa Marta em Camaquã/RS

Carlos Eduardo Simões da Silva¹

Carlos Eduardo da Silva Ribeiro²

Resumo

Este trabalho analisa os modos de sociabilidade dos moradores do bairro Santa Marta, na cidade de Camaquã/RS. A cidade, cuja economia se baseia na agroindústria arrozeira e fumicultora, está localizada no interior do estado, ainda que seja um pólo regional se considerarmos outras cidades menores. Atentamos para como os sujeitos do referido bairro em Camaquã constituem seu imaginário numa amálgama entre idéias, práticas, estéticas e possibilidades tradicionais da localidade, relacionalmente a outras que poderiam ser melhor tipificadas como modernas ou pós-modernas. De maneira adjunta às formas de sociabilidades dos sujeitos pesquisados, nos interessa como essas diferentes formas de pensar e organizar o social constroem os espaços e formas de produção e consumo na localidade, o que será particularmente observado na pesquisa a partir de fotografias e entrevistas realizadas *in loco* para os objetivos da pesquisa. O bairro da Santa Marta era, nas décadas passadas, predominantemente constituído por lavouras, sangas, formas de arranjo familiar e trabalho predominantemente rurais. Tais características e expressões recorrem nos dias atuais entrelaçadas com outros universos simbólicos, muitas vezes conduzidos pelos hábitos e desejos da juventude e expressos, por exemplo, na cultura do *funk*, das formas de vestir, do crack, de tecer as relações sociais. Assim, o bairro se organiza em camadas de tempos sociais sobrepostos (MARTINS, 2014), bem como tensiona o binômio rural/urbano, situando-se no que aqui tratamos como *rurbano*.

Palavras-chave: Camaquã/RS; bairro Santa Marta; rurbano.

¹Aluno de licenciatura em Ciências Sociais na UFPel, <carlosc.sociais@gmail.com>.

²Aluno de mestrado no Programa de pós-Graduação em sociologia da UFPel, bolsista CAPES, <dudaduba@hotmail.com>.

Introdução

A Santa Marta é um bairro periférico da cidade de Camaquã/RS, formada por populações que, em grande medida, chegaram da “serra”, como é conhecido o interior rural do município. No bairro se estabelecem em pequenas propriedades — próprias ou arrendadas — onde é possível manter parte de suas práticas tradicionais ou tipicamente rurais como o cultivo de alimentos, criação de animais e a utilização de veículos de tração animal. Forma-se ali uma vizinhança que mescla famílias com esse perfil tradicional à região e outras de cotidiano mais semelhante ao urbano. Os contrastes no interior deste grupo, que permitem que tratemos sua identidade como uma identidade em movimento, polifônica, se expressam de diversas maneiras, que serão aprofundadas no desenvolvimento do trabalho. Para tanto, realizamos desde o começo do ano de 2017, ora em dupla e ora separados, experiências de campo no referido bairro, acompanhadas de entrevistas não-estruturadas com moradores, produção e análise de fotografias *in loco* e pesquisa bibliográfica. O objetivo da pesquisa é refletir como se dá a sociabilidade no bairro da Santa Marta à luz da contradição enunciada no título.

Metodologia

Visto o problema de pesquisa enunciado — as possibilidades de identificação do bairro da Santa Marta, frente à crescente urbanização do bairro, usando-se das categorias “arcaico” e “moderno” —, nos deteremos, através das técnicas anteriormente enumeradas, principalmente sobre as formas de trabalho, economia, lazer, socialização, e organização do espaço físico na região mencionada. Dada a natureza qualitativa e hermenêutica da pesquisa aqui desenvolvida, temos em mente as características metodológicas desfiladas em WEBER (2004) no que toca a um trabalho interpretativo: a necessidade de delimitação de um recorte analítico, orientado para a compreensão da significação sociocultural do conjunto de manifestações identificadas.

É relevante também retomar a noção de “artesanato intelectual” apresentada por MARTINS (2014), proposta que prioriza uma sociologia de visão crítica e vivencial, valorizando as memórias do cientista. A experiência dos autores em relação ao local de estudo se dá há mais de uma década, devido à proximidade entre os nossos próprios

locais de morada com o bairro elegido³. As entrevistas realizadas e observações com rigor científico, contudo, situam-se desde o início do ano de 2017.

Trabalharemos no texto com oposições como “arcaico” e “moderno” e, em outros momentos, “rural” e “urbano”. O uso destas noções não tem por objetivo situar a interpretação em uma dicotomia, limitando os resultados às possibilidades desses binarismos. Ademais, se buscarmos, neste tratamento conceitual, assimilar de DERRIDA (1996) a intenção de compreender a linguagem para além da oposição forma e conteúdo, podemos nos aventurar nas inferências mutuamente constitutivas entre estas. A partir dessa perspectiva, a linguagem seria uma forma de construir conhecimento e não apenas de referir a um universo exterior como tal. Percebemos que o bairro vivencia uma amálgama de manifestações, ora manifestamente tradicionais e rurais, ora de matrizes mais jovens, ligadas à forma de vida urbana que vem ganhando espaço entre os moradores. Em outras palavras, o bairro tem sofrido diferenciações com qualquer período em que se pudesse querer enunciar como o “rural” ou o “arcaico” originário desta comunidade, e portanto tratamos de uma zona de tensão entre isso e um universo simbólico “moderno” e “urbano”. Essa zona de transição que melhor definiria o bairro pode ser referida como “rurbano”, palavra que consta em diversos dicionários de português, ainda que de pouco uso corrente, referindo a uma área de transição ou encontro entre o “rural” e “urbano”.

Posto isso, o trabalho se desenvolverá em uma maior contextualização do bairro e da cidade de que tratamos, que será nosso primeiro tópico. Nele, teremos mais clara a situação do bairro da Santa Marta no que tipificamos “rurbano”. Após, adentraremos nas especificidades comerciais do ambiente, que logo nos chamaram atenção em campo. De maneira conjunta à produção rural que se mostra expressiva na localidade, a “zona” — um conjunto de casas noturnas com prostituição — adquire importância na identificação do bairro, na sua visibilidade frente ao restante da cidade, na economia

³Quanto às possibilidade de proximidade dos autores com o local de estudo, se tornam interessantes os apontamentos de Martins (2006, p.35): “O estranho e o estrangeiro têm a vantagem sociológica de ver de fora para dentro e, nesse sentido, compreender mais e melhor, mais objetivamente o que vê, descreve e analisa. Seu estranhamento natural cumpre com mais facilidade uma função metodológica. Mas o de dentro vê mais e melhor as sutilezas da vida social que banalizam o ver e o compreender, tornando-as patrimônio pessoal oculto daqueles que alguns autores definem como membro daquela sociedade. Só o membro domina naturalmente o que o estranho dificilmente dominará e compreenderá. Nesse sentido é que a Sociologia deve ser ao mesmo tempo uma Sociologia dos fatos e processos sociais e uma Sociologia de conhecimento de senso comum que dos fatos e processos vividos têm os membros daquela sociedade, daquela comunidade ou daquele grupo social, os que nela foram socializados e dominam como própria sua chave interpretativa”.

local e na vida noturna. Em um terceiro momento, pensaremos a significação da “zona” e da juventude local, suas relações e formas de experienciar o conflito entre “arcaico” e “moderno”.

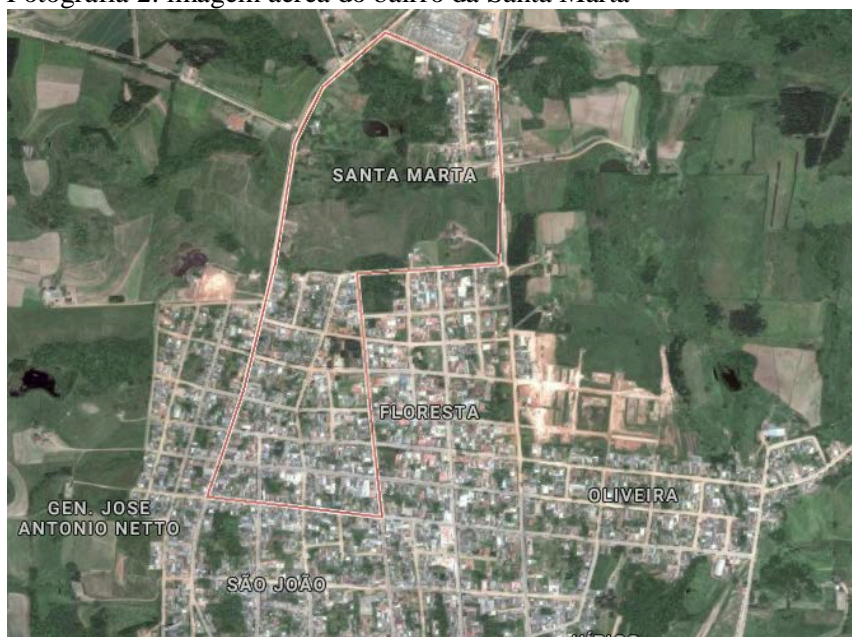
A cidade de Camaquã

Fotografia 1: imagem aérea da cidade de Camaquã



Fonte: Google Maps

Fotografia 2: imagem aérea do bairro da Santa Marta



Fonte: Google Maps

Quando tratando das relações entre “urbano” e “rural” na cidade de Camaquã, identificamos a Santa Marta como uma amálgama dessas duas possibilidades de identificação, que trazem inferências sobre a arquitetura, as linguagens, as formas de trabalho, a sociabilidade, dentre outros aspectos. Ao colocar essa questão, especialmente se em uma dicotomia como o fizemos, é importante que tenhamos em vista o fato de que a cidade de que tratamos tem uma economia principalmente ancorada no meio rural, onde as culturas preponderantes são de arroz, fumo e eucalipto. Com pouco mais de 66 mil habitantes⁴, mesmo o centro da cidade de Camaquã é amplamente permeado por símbolos de um estilo de vida rural, como as músicas e trajes tradicionalistas, a presença de cavalos e animais de tração — muito mais comuns no bairro da Santa Marta —, a sobrevivência de uma arquitetura “serrana” que disputa espaço com prédios mais modernos, a importância do CTG na agenda cultural do município. A cidade serve como centro comercial para diversos produtores rurais dos arredores ou das cidades vizinhas de menor porte. Posto isso, reconhecemos empiricamente que no bairro da Santa Marta, em um comparativo com o centro, há uma preponderância daquilo que nos remete ao rural. Isto se dá, em grande medida, devido à localização do bairro em uma zona de transição. Para isso, cabe observarmos duas imagens de satélite captadas em 15 de setembro de 2017 no site Google Maps. A Fotografia 1 traz a cidade de Camaquã como um todo, com o bairro da Santa Marta circunscrito em vermelho. A Fotografia 2, o bairro da Santa Marta em maior detalhe, situado nos limites geográficos da cidade.

As diferenças internas entre a população do bairro da Santa Marta —a maneira específica com que o bairro vivencia as contradições entre “arcaico” e “moderno” na cidade—estão expressas por exemplo no perfil das residências, que por vezes já se encontram em terrenos pequenos, de tamanho tipicamente urbano, geralmente fruto de divisões entre famílias ou venda a terceiros. Torna-se interessante indagar se a relativa assimilação de signos urbanos no bairro não carrega paradoxalmente a continuidade de uma *différance*⁵ (DERRIDA, 1968) em relação ao centro da cidade. Em outras palavras,

⁴Os dados estão em afinidade com o censo de 2017 do IBGE cidades, referentes ao município de Camaquã. Acessados em 14/10/2017, acessíveis em: < <https://goo.gl/RWvjbF>>.

⁵O neologismo cunhado por Jacques Derrida traz uma série de inferências na análise das diferenças, rompendo com a reificação das identidades. Cunhado a partir de um troca de letras na palavra francesa, pretende somar um aspecto latino ao original grego da palavra. Com efeito, significa mais do que a inserção de um caráter polissêmico na diferença, mas um ir-além da diferença enquanto “presença”: traz-se ao jogo de diferenciação um olhar que extrapola a centralidade que o signo ocupa na semiologia saussureana. Busca-se, a partir da *différance*, explicitar-se a ideia de “deferir” (é muitas vezes traduzida como “diferença”), ou seja, da diferenciação também como “adiamento”, uma temporização que não se limita ao visível. Neste sentido, refere-se à uma diferença originária, tal como a uma diferença por-*vir*. Assim, a *différance* pretende ir além da diferenciação própria da Semiologia: refere-se a um processo de

sua “urbanização” através do funk, das organizações espaciais de forma mais propriamente urbana — que dispensam práticas como a agricultura e a criação —, em sua descaracterização como um ambiente propriamente rural, não significariam uma futura mesmidade com o urbano. A fim de melhor compreendermos sua especificidade, passaremos no tópico seguinte a deter maior atenção às formas de produção econômica predominantes na Santa Marta ou, ao menos, às mais socialmente significantes. Por fim, damos ênfase na “zona” — maneira como são conhecidas as casas de prostituição — na construção da identificação do bairro justamente como aquilo que o centro não pode ser.

A economia do bairro

...o rural pode subsistir culturalmente por longo tempo fora da economia agrícola. Pode subsistir como visão de mundo, como nostalgia criativa e autodefensiva, como moralidade em ambientes moralmente degradados das grandes cidades, como criatividade e estratégia de vida numa transição que já não se cumpre conforme a profecia dos sociólogos. Essa transição é antes inconclusa passagem, um transitório que permanece, uma promessa de bem-estar que não se confirma, uma espécie de agonia sem fim. (MARTINS, 2014, p. 221)

A Santa Marta se posiciona em uma extremidade da cidade e suas dimensões comportam significativa área não urbanizada. Após entrevistas podemos perceber que praticamente todas as famílias se conhecem e opera uma economia solidária entre alguns, onde, não raro, os que produzem verduras, legumes, ovos ou leite escoam sua produção na própria vizinhança, oferecendo de porta em porta e vendendo por dinheiro ou trocando por favores — como uma carona, ajuda ou serviço — ou por objetos úteis, em forma de escambo. Quanto ao comércio formal, não há, por exemplo, farmácias e supermercados, que só podem ser acessados em deslocamento em direção ao centro. Apenas nos últimos cinco anos surgem os primeiros mercados com padaria. Nos pequenos estabelecimentos é comum a utilização de cadernos de conta e também que os comerciantes revendam produtos locais, contribuindo para que a fidelidade se sobressaia em relação à possibilidade de acesso à diversidade.

Afastando-nos do centro da cidade, conforme nos deslocamos em direção à serra, passando pelo bairro Santa Marta, começam a compor a paisagem, dentre casas,

diferenciação prévio ao “ser” no sentido clássico na filosofia, ou seja, trata da raiz comum que produz todas as diferenciações, que possibilita a própria identificação da diferença. A partir disso, nos interessa que os significados não estão em relação direta com seus significantes, mas, como exposto no corpo do texto, há infinitas mudanças de significado retransmitidas entre significantes. Em outras palavras, as coisas não significariam algo em si como se fossem dotadas do próprio centro, mas justamente a partir daquilo que não são, seja contemporâneo, passado ou posterior. A ideia traz luz, portanto, a uma discórdia entre forças em movimento, que acaba conferindo às significações o status de aproximações e distanciamentos, ou seja, desdora-se em uma perspectiva não-essencialista do “ser”.

estabelecimentos comerciais e cabarés, os campos com cavalos e as lavouras de fumo. O tabaco é o cultivo ao qual se dedicam praticamente todas as famílias de camponeses do interior e também aquelas que se estabelecem na Santa Marta, visto que a produção de arroz e eucalipto, também predominantes na economia da cidade, são geralmente empreendidas pelo agronegócio. Os caminhos históricos que explicam a transição dos tipos de cultivo pelas famílias camponesas locais e sua consequente inserção e dependência na cadeia produtiva do tabaco, relacionam-se com a modernização agrícola e a crise na agropecuária brasileira na década de 1980 (HILSINGER, 2016). Nesse processo, muitas famílias experimentaram perda de renda e dificuldades na comercialização de seus produtos. É aí que a agroindústria do tabaco se destaca como alternativa na região, oferecendo garantia de comercialização da produção e oferta de assistência técnica e financeira. Esse processo pode ser visto também como fator de liquefação dos saberes e modo de vida tradicionais ou “arcaicos” da população local, estando agora essas práticas — a produção de alimentos, por exemplo — resignadas a um papel secundário na produção rural local. O fenômeno estreitou a dependência do camponês em relação à cidade. Contudo, é comum que alguns moradores da Santa Marta, que têm ocupações profissionais tipicamente urbanas criem cavalos de estimação, galinhas no quintal e prestem serviço nas lavouras de fumo nos períodos de safra, como forma de obtenção de renda extra.

Temos por suposto que a reprodução de características marcadamente rurais ou interioranas neste bairro não abdica da reconstrução de uma alteridade em relação ao centro, em um processo de diferenciação constante à despeito de sua possível aproximação simbólica, afinado com o sentido de “adiamento” proposto por Jacques Derrida. A diferença expressa nos sistemas de gosto, estética e moral no bairro da Santa Marta são contingenciais ao que estes sujeitos compreendem como urbano, mas não somente. Ela é parte de um sistema de reenvios simbólicos de produção de diferenças, ou seja, assume para si a representação do não-urbano neste jogo relacional com o centro da cidade. Concordamos com Derrida quando propõe que “uma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada, não, apenas existe o processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação” (DERRIDA, 1996, p.43). Assim, o lugar não habita um vir-a-ser urbano, mas precisamente uma reiteração de diferença em relação à urbanidade que, nos limites do possível, circunscreve o seu processo de identificação. Isso pode ser verificado, por exemplo, na Fotografia 3, onde vemos um morador deslocando-se em uma carroça. As condições do seu veículo, o asseio da

pintura na madeira e a aparência do cavalo demonstram um dispêndio de tempo e cuidado que dão a ver um lado ativo da identificação do sujeito que não pode ser reduzida a uma limitação devido a um enquadramento de classe. O gasto de tempo e recursos envolvido na manutenção de tal forma de transporte não denotam necessariamente precariedade, mas em grande medida um agenciamento em um processo de diferenciação em relação ao usualmente urbano: a escolha pelo carro.

Fotografia 3:



Fonte: produzida *in loco*

A zona e a juventude: entre o “arcaico” e o “moderno”

Localizada em uma estrada que corta a Santa Marta e faz a conexão da cidade com alguns de seus distritos rurais, situa-se um conjunto de cabarés, área conhecida por “zona”. É um elemento tradicional da cultura camaquense, que confere visibilidade ao bairro. Os colonos que acessam a cidade — geralmente para utilização de serviços bancários e compra de equipamentos — e passam necessariamente pela zona, pois é o trajeto das linhas de ônibus. Neste local é possível o encontro de cidadãos do meio rural, do urbano e forasteiros que estão de passagem, além das prostitutas que geralmente vêm da região metropolitana, formando um ambiente cultural diverso.

Assim, a zona e a vida noturna que mobiliza veiculam, entre os moradores locais, tendências culturais da cidade, como o rap, o funk, as tatuagens. Não apenas, pode ser entendida como local de oportunidades de formas de inclusão degradada (MARTINS, 2012), amplificando as possibilidades e desejos ligados à contravenção, às drogas, ao crack, à malandragem (procura por formas fáceis de arranjar dinheiro) e ao

roubo. Torna-se interessante atentar para as possíveis relações entre a importância da zona e, por outro lado, os jovens que chegam do interior acompanhando suas famílias, os quais passam a receber influências e estímulos dos quais estariam provavelmente menos expostos em seu meio de origem: não há local semelhante no interior do município, que também apresenta precárias condições de acesso à internet e inexistência de locais de ampla circulação de pessoas e informações globalizadas. Assim, a zona toma parte na reconfiguração identitária pela qual passa a juventude oriunda de sistemas rurais, como alternativa à crescente falta de perspectivas para os que vivem da agricultura (CARNEIRO, 1998). Ainda utilizando a perspectiva dessa autora, pensamos que a construção identitária no caso apresentado se orienta pelo recorrente desejo de inserção no mundo moderno em contradição com o sentimento de pertencimento à localidade de origem.

Paradoxalmente, o fenômeno do crack, somado a outras questões mais antigas — como campanhas de prevenção à AIDS — têm significado a decadência econômica da zona que, apesar disso, reformula-se e se mantém. Alguns cabarés tornaram-se lojas de conveniências para os demais, fornecendo bebidas e produtos durante a madrugada, enquanto o comércio convencional não atende. Outros transformam-se em pontos de tráfico de drogas e alguns em bares comuns, isto é, sem prostituição. As conveniências também atendem às necessidades e demandas dos usuários de drogas locais: observamos lacres de latas de achocolatado sendo vendidas por R\$ 1,00 para os usuários improvisarem seus cachimbos. Alguns vendem alimentos produzidos por suas famílias para a compra de drogas, ou trocam diretamente quando possível, de forma que os traficantes acabam comprando e consumindo muito da produção local, além de produtos do roubo ou abigeato. Donas-de-casa locais prestam serviços para as prostitutas ou para as proprietárias dos cabarés, em sua maioria mulheres. Entre estes serviços, os mais comuns são limpeza de roupas, faxinas, venda de produtos de beleza por revistas e pensionato para as crianças em suas próprias casas, muitas vezes dividindo o quarto com seus próprios filhos. A partir disso, interessa o pensamento de MARTINS (2012, p.47), para quem

A comunidade constitui o elemento central da realidade do camponês e do que do camponês ainda subsiste nos deserdados da terra. Exprime o modo possível de como pode ele conceber sua existência. Mesmo nos dilaceramentos sociais próprios da expansão do capital, populações socializadas nas concepções da tradição comunitária tendem a preservar essas referências por mais tempo do que as propriamente urbanas, as reduzidas à precária e sempre provisória comunidade de vizinhança.

Neste sentido, paradoxalmente ao sentido cosmopolita que o ambiente da zona pode significar em relação ao ambiente sócio cultural em que está inserida, resta sentido em uma aproximação da lógica do bairro com a de uma forma bastante mecânica — ou seja, não-orgânica — de organização social, se referirmos aos termos de DURKHEIM (1999) em *A divisão do trabalho social*. No entanto, é possível observar certa interdependência das partes no ordenamento da vida social, que conta com certa pessoalidade, o que se aproxima, por outro lado, às formas orgânicas de organização. Pensamos que tanto essa afinidade com uma lógica “pré-industrial” nos termos de Durkheim, quanto o tipo de choque cultural vivenciado pelas juventudes oriundas da “serra” referenciadas anteriormente a partir do estudo de Carneiro (1998), se expressam na trajetória de um dos entrevistados que se mostrou mais solícito, o Lobizome⁶. Vindo aos 17 anos com sua mãe e irmãos do interior da região, as histórias que gosta de contar giram em torno da caça de tatu, de brigas, ameaças e apuros que enfrentava na serra com seu pai. Costumeiramente expressa o gosto pelo meio urbano — sendo Camaquã o local mais urbanizado com que tivera amplo contato até então —, bem como o desejo de ter uma moto e as possibilidades que teria com ela, o que incluem vantagens sociais e sexuais, bem como a possibilidade de realizar furtos e facilitação da fuga.

Na Santa Marta, passa pouco tempo com sua mãe, sem participar dos afazeres de perfil rural nos quais ela toma parte. Dorme na casa de parentes e amigos em uma espécie de servidão doméstica que lhe permite ter acesso a praticamente todos os recursos da casa — comidas, geladeira, cama, banho, refrigerantes, bebidas, fumo, aparelhos de som onde ouve funk, etc — sendo que, para isso, precisa arrumar e limpar os ambientes e realizar as tarefas para as quais for solicitado. Trabalha em certas ocasiões como servente de pedreiro. Dessa forma é incluso na comunidade e na economia local. No novo bairro, passou a desenvolver uma relação afetiva com uma prostituta que trabalha no bar de um parente distante e, quando podia, passava as noites

⁶Recebeu o pseudônimo de familiares e vizinhos devido ao comportamento durante a infância e adolescência: conta-se, com a confirmação do próprio, que às vezes fugia de casa — motivos não confirmados, mas possivelmente relacionados a problemas domésticos — e se escondia no mato por dias, sobrevivendo de pequenos furtos que lograva da vizinhança rural. Afirma não saber escrever o próprio nome, um dos possíveis motivos pelos quais assume “Lobizome” como forma de identificação. Outro seria uma possibilidade de status imbricada no termo que, ao carregar um lado grotesco e animalesco, pode dar-lhe a possibilidade de prestígio e reconhecimento. Em determinado momento, passou a ser perseguido e denunciado pelos vizinhos, que não o viam com bons olhos. Somando-se isso ao fato de uma desilusão amorosa que relata em entrevistas, resolveu deixar seu pai e ir para cidade com sua mãe, que já tratava de arrendar propriedades na Santa Marta.

na referida boate, julgando tomar cuidado da menina, embora sem poder impedi-la de realizar seu trabalho usual.

Nossa intenção com a exposição do seu caso não é tratá-lo como um “tipo ideal” (WEBER, 2004) do morador jovem, branco, masculino do bairro da Santa Marta. De fato, embora seu histórico seja desviante mesmo no bairro da Santa Marta, poderia ser inserido em um certo padrão de delinquência próprio da juventude local, onde são relativamente comuns a falta de educação formal e perspectiva de crescimento econômico. Nos interessa, contudo, ir além do reducionismo da tipificação de “delinquência”, onde estar-se-ia nublando a possibilidade de compreender mais especificamente a sua inserção num sistema particular espaço-temporal de simbolização. A assincronia deste sujeito com o que compreendemos como “moderno” ou adequado ao moderno age simultaneamente a um não-individual deslocamento do campo para a cidade, agravado por uma liquefação das formas tradicionais de economia do campo, que desfazem a centralidade das formas sociais próprias da ruralidade no seu futuro, ao mesmo tempo em que o insere na cidade apenas de maneira parcial.

Conclusões Preliminares

O texto deriva de um estudo em fase inicial. A inexistência de publicações anteriores sobre a localidade nos levou à necessidade de uma investigação contextual mais dispendiosa que, neste momento, ao passo que nos limita o aprofundamento nos aspectos mais individuais dos sujeitos entrevistados, sedimenta e sistematiza informações para que um estudo mais específico possa ser empreendido posteriormente. Destarte, por ora nos parece significativo que, apesar de o bairro ser um fruto de êxodo rural e vivenciar uma urbanização crescente, formas de economia rural persistem sem dar sinais significativos de apagamento. Formas próprias de saber e experiência rural se reconfiguram no espaço, apesar de o interesse pela cidade serem constantes entre a juventude. Desta maneira, dando especial atenção ao caso da “zona”, notamos com o bairro da Santa Marta se desenvolve também em um processo de alteridade ao centro da cidade e àquilo que é propriamente “moderno” ou “urbano”, de maneira que a aproximação simbólica do bairro com essa forma de identificação é também contingencial às (e reprodutora das) diferenças entre “centro” e “periferia” na cidade de Camaquã. Assim, a inclusão deste bairro — e de sua juventude — nas sociabilidades da

cidade não levam ao esvaziamento das diferenças entre as oposições aqui trabalhadas, mas a uma sobrevivência de relações de diferenciação.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, M. J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T., SANTOS, R., COSTA, L. F. C. **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DERRIDA, Jacques. **La différence in Marges de la Philosophie**. Paris: LesEditions de Minuit. 2003.

_____. **Omonolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Porto: Campo das Letras. 1996.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

HILSINGER, Roni. **O território do tabaco no sul do Rio Grande do Sul diante da convenção quadro para o controle do tabaco**. 2016. 223f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARTINS, José de Souza. **A Sociedade Vista do Abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo, Contexto, 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.